



Ministério da Educação
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM
Minas Gerais – Brasil
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas
Reg.: 120.2.095–2011 – UFVJM
ISSN: 2238-6424
Nº. 02 – Ano I – 10/2012
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

A leitura e a exotopia bakhtiniana na constituição do trajeto identitário em o “Borrão”, de Silviano Santiago

Fernanda Isabel Bitazi
Doutoranda em Letras (Universidade Presbiteriana Mackenzie) - São Paulo – SP
E-mail: fernanda_bitazi@yahoo.com.br

Resumo: O objetivo deste trabalho é trilhar, por meio da exotopia bakhtiniana, a trama linguístico-discursiva que constitui a narrativa “Borrão”, para se depreender um choque entre posições ideológicas divergentes: mais especificamente, embates entre identidades étnico-raciais, entre identidades nacionais e entre identidades sócio-econômicas. Contudo, considerando que os textos apresentam uma relação de dominância de uma formação discursiva sobre as outras que os constituem, podemos afirmar que, no conto em questão, a formação discursiva dominante é a da identidade americana, branca e abastada. Por conseguinte, como essa identidade se define por meio do conflito com as outras identidades mencionadas anteriormente, podemos deduzir que o cerne discursivo do conto diz respeito a um certo sentimento de inferioridade do estrangeiro – ou melhor, do estrangeiro branco, cordial e não abastado – perante a alteridade ianque.

Palavras-chave: Exotopia. Formação discursiva. Identidade. Leitor. Leitura.

Introdução

Para que possamos inferir e, dessa maneira, caminhar pelo trajeto da identidade no referido conto do escritor brasileiro Silviano Santiago, convém lembrarmos, ainda que prévia e rapidamente, o que vem a ser a heterogeneidade constitutiva a todo e qualquer texto:

O texto [...] não se apresenta como um conjunto de enunciados unificados por posições ideológicas não-conflitantes, como algo homogêneo. Ao contrário, o texto se constitui de discursos divergentes cujas fronteiras se intersectam [...]: o texto é heterogêneo, não é possível definir um dos discursos sem remeter ao outro (MUSSALIN, 2004, p. 124).

Ao “trilharmos” a trama linguística que constitui a narrativa “Borrão”, de fato conseguimos depreender um choque entre posições ideológicas divergentes, mais especificamente, embates entre identidades étnico-raciais (“brancos” X “negros”), entre identidades nacionais (“americanos” X “estrangeiros inferiores”) e entre identidades sócio-econômicas (“abastado” X “não-abastado”). Ocorre que, como há “uma *relação de dominância* de uma formação discursiva sobre as outras, na constituição do texto” (ORLANDI, 1996, p. 60, grifo nosso), isso nos permite afirmar que, no conto em questão, a formação discursiva dominante é a da identidade americana, branca e abastada. Por conseguinte, como essa identidade se define por meio do conflito com as outras identidades mencionadas anteriormente, podemos deduzir que o cerne discursivo do conto diz respeito a um certo sentimento de inferioridade do estrangeiro perante a alteridade ianque, ou mais especificamente, o sentimento de inferioridade do estrangeiro branco, porém cordial e não-abastado, diante de uma alteridade que se constitui como seu reverso. Tal é o que pretendemos mostrar com este trabalho, o qual será desenvolvido sob a perspectiva da exotopia bakhtiniana, conceito este que será devidamente elencado e comentado no decurso da análise.

Contudo, antes disso, importa esclarecer, primeiramente, quais as concepções de identidade/diferença que embasarão este estudo. A importância disso reside em que as produções de identidade e de diferença são reguladas pelas relações de poder:

A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição – discursiva e linguística – está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas (SILVA, 2009, p. 21).

Considerando que a “mesmidade (ou identidade) porta sempre o traço da outridade (ou da diferença)” (SILVA, 2009, p. 79), isto é, como a identidade do *Um* se constitui a partir da diferença do *Outro*, será possível constatar, durante a análise, que tanto o embate entre as identidades étnico-raciais quanto o conflito entre as identidades nacionais e sócio-econômicas se ordenam em torno de oposições binárias, as quais, por seu turno, “não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa” (SILVA, 2009, p. 83). Assim sendo, nas oposições binárias “brancos americanos” X “negros americanos”, “americanos” X “estrangeiros inferiores” e “abastados” X “não-abastados”, depreendidas ao longo de o “Borrão”, constata-se a positividade do primeiro termo das oposições e, por conseguinte, a negatividade do segundo.

Importa ressaltar, no entanto, que “positividade” e “negatividade” não estão sendo usadas para afirmar que a superioridade e a inferioridade dos grupos sociais nomeados por tais termos lhes são intrínsecas, inatas: elas estão sendo usadas para constatar que a superioridade de um e a inferioridade de outro decorrem de um construto social:

A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2009, p. 76).

Afirmamos que o cerne discursivo da narrativa de Silviano Santiago diz respeito à inferioridade do estrangeiro branco, mas cordial e não-abastado, diante da alteridade norte-americana que, justamente, se constitui como o contrário de sua “outridade” mediante uma postura excludente: “excludente”, porque a identidade impessoal desta se posiciona como superior à pessoalidade, à familiaridade daquela, que, no conto, é representada por um indivíduo brasileiro. Para entendermos esse choque, ou melhor, essa relação de poder, ouçamos o que vem a

ser a cordialidade brasileira na visão de Sérgio Buarque de Holanda, em sua obra *Raízes do Brasil*, de 1936:

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro (HOLANDA, 2011, p. 146).

Como se vê, a cordialidade brasileira concerne à “hospitalidade”, isto é, ao modo afetivo e pessoal como os brasileiros se dirigem aos demais indivíduos, inclusive aos que não lhe são íntimos, dentre os quais, muitos estrangeiros, que, contrariamente, são impessoais no trato para com seu outro. Conforme Holanda (2011, p. 149) constatou em sua obra, “um negociante de Filadélfia manifestou certa vez a André Siegfried seu espanto ao verificar que, no Brasil como na Argentina, para conquistar um freguês tinha necessidade de fazer dele um amigo”. A *cordialidade* brasileira, portanto, opõe-se à *polidez* do homem civilizado, na medida em que a “lhaneza, a hospitalidade, a generosidade” são “antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante” (HOLANDA, 2011, p. 147). Já a *polidez*, por seu turno, consiste “precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no ‘homem cordial’” (HOLANDA, 2011, p. 147). E, conforme já antecipamos, podemos inferir, em o “Borrão”, essa oposição entre a cordialidade, a pessoalidade brasileira e a *polidez*, a impessoalidade norte-americana, *polidez* que, no entanto, converte-se em superioridade frente à sua alteridade, como será possível verificar.

Partida: início da trajetória identitária

Feitos os devidos esclarecimentos sobre os conceitos de cordialidade/*polidez* e de identidade/diferença que embasarão nosso estudo, podemos, agora, passar, efetivamente, para a análise do conto de Silviano Santiago, a fim de verificarmos, por meio de sua trama linguístico-discursiva, como os embates entre as já mencionadas identidades foram sendo construídos para se chegar ao discurso principal já por nós identificado anteriormente. E, para trilharmos essa trama, iremos

nos valer da interação entre três elementos estruturais da narrativa: o foco narrativo, o tempo e o espaço. Quanto ao primeiro elemento, iremos estabelecer uma interação entre o narrador-protagonista de Friedman e o conceito de excedente de visão (ou exotopia) bakhtiniano; com relação ao tempo, empreenderemos a análise a partir da cisão do “eu” que se nota na narrativa entre o momento da enunciação e o momento do enunciado; e no que diz respeito ao espaço, iremos dar maior atenção aos principais acontecimentos deflagrados em três cidades norte-americanas específicas: Nova Orleães, Bâton Rouge e Fort Worth.

Não podemos nos esquecer que esses elementos são escolhidos pelo autor-criador, que “é o agente da unidade tensamente ativa do todo acabado, do todo da personagem e do todo da obra” (BAKHTIN, 2003, p. 10). Isso significa que o autor-criador faz uma série de escolhas – seja de ordem linguística ou não – para reorganizá-las em um “todo acabado”, em um todo coerente que é a obra e, por conseguinte, para transmitir, por meio dela, um determinado discurso. Dessa maneira, depreende-se que o autor-criador do conto em questão optou porque um narrador-protagonista relatasse, no momento da enunciação e situado em território brasileiro, um fato por ele vivenciado nos EUA, durante os “primeiros dias de janeiro de 1963” (SANTIAGO, 2002, p. 102):

Por muitos anos esqueci. Por tantos anos esqueci, que expulsei da memória o fato que vou narrar. Expulsei-o, aparentemente. A forma mais corriqueira da inocência é a de acreditar que existe faz de conta na vida psicológica. Fiz de conta ontem, hoje pago a conta. Fiz de conta que nada tinha acontecido naquele meio do dia, num restaurante da cidade de Fort Worth, no Texas. Nada tinha acontecido no meio de um dos primeiros dias de janeiro de 1963, depois de uma longa e cansativa viagem de ônibus do sul até o sudoeste dos Estados Unidos. [...] Tanto algo aconteceu no restaurante, que trago cicatriz na memória. A cicatriz permanece tal sentinela da consciência. [...] É através das lembranças vivas que cercam a cicatriz [...] que vou chegar ao fato que já recoberto pela pele e os pêlos da memória. Pela cicatriz tentarei reconfigurar a profundidade da antiga dor, da ferida, sob a cobertura dessa narrativa. A ser escrita por cima dos lábios da chaga, que se fecharam. A ser descrita por cima do esquecimento do fato. Por cima da expulsão do fato. Borrando esquecimento e expulsão. Borrando o fato. Uma narrativa: um borrão. O dicionário diz que *borrão* significa rascunho. (Significa também indivíduo medroso. Deixa pra lá.) Esta narrativa é o rascunho do acontecimento vivido. Da experiência, como gostam de dizer os filósofos alemães (SANTIAGO, 2002, p. 102-103).

Como é possível notar nesse trecho inicial do conto, o narrador-protagonista irá escrever uma espécie de rascunho – um “borrão” – sobre um fato específico que

ele vivenciou em um restaurante na cidade texana de Fort Worth, depois de ter feito uma viagem bastante extensa do sul até o sudoeste dos EUA. Nesse momento inicial da narrativa, o narrador ainda não relata o que realmente aconteceu nesse restaurante, parecendo, no entanto, tratar-se de um acontecimento que o incomodou na ocasião e que ainda o incomoda nesse momento da escrita, tanto que ele se refere a esse fato por meio dos sintagmas “cicatriz” e “lembranças vivas”. Além disso, ele também revela que “aparentemente” expulsou e esqueceu, “por muitos anos”, o ocorrido: ou seja, transcorrido muito tempo, o passado ainda parece causar-lhe algum desconforto, tanto que, para “reconfigurar a profundidade da antiga dor, da ferida”, ele passa a escrever um rascunho, um “borrão” da “experiência” por ele vivenciada. Importa destacar também que “borrão” significa, como o próprio narrador enfatizou, “indivíduo medroso”, para logo após a apresentação dessa definição afirmar “Deixa pra lá”, como se desejasse não se estender sobre algo relacionado a essa questão do medo.

Assim sendo, colocar, registrar no papel, ainda que em forma de rascunho, essa experiência parece ser uma tentativa de esse narrador responder a alguma *incerteza* que o acompanha desde a irrupção do fato. E parece tratar-se de uma incerteza, porque o narrador afirma “*Tanto algo* aconteceu no restaurante, que trago cicatriz na memória”: o pronome indefinido “algo”, escrito pelo narrador no momento da enunciação, permite-nos inferir que ele tenta buscar uma maior clareza para as “lembranças vivas” que a “cicatriz” não permite serem apagadas completamente. Dessa forma, o narrador desejou esquecer – “fiz de conta que nada tinha acontecido” – o que lá aconteceu por provavelmente tratar-se de uma experiência que ele sentiu como não agradável; e na impossibilidade de esquecer-la, ele rascunha o passado, talvez na tentativa de achar uma resposta para o porquê de essa lembrança nunca ter saído de sua memória. O que parece lhe importar, portanto, é conseguir uma resposta para seu incômodo:

As palavras estão sendo escritas a tinta e serão diluídas por uma gota d'água [...] que cairá no papel. Quando as passar a limpo – e as passarei algum dia, não sei quando –, a versão final será um mata-borrão que estará enxugando palavra depois de palavra, frase depois de frase, página depois de página. Esta narrativa é tão íntima quanto um borrão, ou um rascunho. Ela exige tarefas futuras para ser um conto. Buscarei palavras que se apropriem mais adequadamente do fato que está para ser narrado. Desenharei frases que devem ser mais incisivas para estarem mais convincentes. Reestruturarei páginas a que falta o equilíbrio da composição

de arte. Um bom conto é um campo minado. Deixo essas tarefas para o leitor, dublê do autor, de artista. [...] Esta narrativa não tem leitores. Ela não é escrita para leitores. Por enquanto, está sendo escrita para mim e para outros que devem ser dublê do autor. Está sendo escrita para me dizer que, apesar das aparências, não esqueci aquela viagem de ônibus da cidade de Nova Orleães, na Louisiana, até Fort Worth, no Texas. Viagem que depois prosseguiria até a cidade de Albuquerque, no estado do Novo México, destino final do ônibus e do passageiro. Por que fiz de conta que não tinha decidido interromper a viagem ao meio? Por que fiz de conta que não tinha seccionado a viagem ao meio do dia 3 de janeiro de 1963? O esquecimento funciona como anti-séptico da dor. Age como iodo sobre a ferida rasgada para que os micróbios sejam queimados o mais rápido possível, evitando a supuração. O calafrio, o ai! e pronto, cicatrizou (SANTIAGO, 2002, p. 103-104).

No trecho acima, tal qual no anterior, nota-se como esse narrador parece estar preocupado em achar respostas mais concretas para si, pois ele continua fazendo divagações em vez de começar logo a contar o fato deflagrado no restaurante em 1963. Além disso, ele afirma estar a narrativa sendo escrita somente para si próprio ou para um leitor muito específico, o “dublê de autor”, que pode “buscar palavras mais adequadas”, “desenhar frases incisivas” e “reestruturar páginas de forma a atribuir equilíbrio”, por meio de sua leitura: é sua leitura, feita de modo esmiuçado, que lhe facultará depreender e, portanto, atribuir uma coesão interpretativa ao rascunho, de modo que este, posteriormente, se torne um conto. Um outro dado que nos permite afirmar essa busca do narrador-protagonista por uma certeza – ou por uma coesão interpretativa – reside no fato de ele fazer indagações para si próprio justamente durante o momento em que está tentando registrar e repensar sua experiência. Essas perguntas, aliás, trazem em si uma afirmação: a de que ele não concluiu toda a viagem e, sobretudo, a de que ele fingiu não tê-la concluído. Portanto, mesmo não tendo iniciado o relato do ocorrido no restaurante, já sabemos antecipadamente, que algo realmente incômodo ocorreu para esse narrador ter interrompido a viagem, mas também ter fingido que não a interrompeu, ou melhor, ter fingido que voltara para o Brasil por qualquer outro motivo que não fosse o deflagrado no restaurante. E, ao que parece, o melhor expediente de que ele se valeu para ter fingido, para ter transfigurado o fato para si, foi tentar tê-lo esquecido – o “esquecimento funciona como anti-séptico da dor. Age [...] o mais rápido possível, evitando a supuração. O calafrio, o ai! e pronto, cicatrizou” – o que acabou sendo em vão, uma vez que ele ainda sente a necessidade de refletir sobre o fato. Parece que, somente depois da elaboração

desse rascunho, quando, então, ele talvez chegue a alguma resposta mais concreta sobre o assunto, é que esse “borrão” se transformará em um conto, no qual toda a linguagem será retrabalhada seja pela escrita do narrador seja pela leitura coesa do “dublê de autor”.

Enfim, como se pôde perceber até o momento, o narrador iniciou sua escrita apenas por meio de longas reflexões, sem ainda ter principiado a relatar tudo o que aconteceu antes e durante o episódio do restaurante em Fort Worth, o que, a princípio, é compreensível, visto essa narrativa ser “tão íntima” e visto a escrita não ter outros leitores que não ele próprio e o “dublê de autor”. É apenas depois dessas reflexões pessoais que o narrador passa, então, a relatar os fatos por ele vivenciados em meados de janeiro de 1963. E é justamente nesse momento, em que deixa essas reflexões para contar os acontecimentos passados, que o narrador divide seu “eu” em dois: o que está tentando achar uma resposta no momento da enunciação e o que vivenciou a experiência no restaurante de Fort Worth em 1963: o primeiro é o olhar exotópico que tenta dar acabamento não só ao “eu” do momento do enunciado, como, também, a si próprio no momento da enunciação. Para entendermos em que consiste esse olhar exotópico, bem como o acabamento por ele propiciado, ouçamos as considerações de Bakhtin sobre a relação autor-personagem na atividade estética:

O autor não só enxerga e conhece tudo o que cada personagem em particular e todas as personagens juntas enxergam e conhecem, como enxerga e conhece mais que elas, e ademais enxerga e conhece algo que por princípio é inacessível a elas, e nesse *excedente* de visão e conhecimento do autor, sempre determinado e estável em relação a cada personagem, é que se encontram todos os elementos do acabamento do todo, quer das personagens, quer do acontecimento conjunto de suas vidas, isto é, do todo da obra. (BAKHTIN, 2003, p. 11).

Conforme afirmamos no início de nosso estudo, o autor-criador de o “Borrão” optou porque um narrador-personagem relatasse, no presente, determinados fatos deflagrados no passado. De acordo com a tipologia do foco narrativo de Friedman (2002, p. 177), o narrador-protagonista “encontra-se quase que inteiramente limitado a seus próprios pensamentos, sentimentos e percepções”. Considerando que o “ângulo de visão” desse tipo de narrador “é aquele do centro fixo” (FRIEDMAN, 2002, p. 177) e considerando que o narrador-personagem da narrativa em questão pretende buscar uma certeza para seu incômodo para, “algum dia”, transformar seu rascunho (obra em andamento, obra inacabada) em um conto (obra acabada),

podemos afirmar que sua cisão é uma tentativa de ele compreender, no *aqui* e *agora*, o que ocorreu no *lá* e *então*. Ao sair de seu centro fixo, isto é, ao se distanciar dos fatos, o narrador tem um “excedente de visão”, ou seja, ele tem a oportunidade de lançar um olhar mais acurado para o passado e, por conseguinte, alargar seus “pensamentos, sentimentos e percepções”, podendo, assim, chegar, finalmente, a uma conclusão sobre o porquê fez questão de esquecê-lo por tanto tempo.

Assim, o narrador lança, em relação a seu “eu” do momento do enunciado, um olhar exotópico na tentativa de dar um acabamento para suas reflexões presentes. Com isso, ele parece estar tentando se colocar no lugar desse seu outro com o objetivo de, como já afirmamos, buscar respostas mais concretas para tais reflexões. Esse narrador-personagem parece estar visando, pois, em primeiro lugar, a *compenetração* para, depois, chegar ao *acabamento* de suas reflexões:

Vamos que haja diante de mim um indivíduo sofrendo; o horizonte da sua consciência foi preenchido pela circunstância que o faz sofrer e pelos objetos que ele vê diante de si [...]. Devo vivenciá-lo esteticamente e concluí-lo [...]. O primeiro momento da atividade estética é a *compenetração*: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele, como que coincidir com ele [...]. Quando me *compenetro* dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria do *outro*, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda. Relacionar ao outro o vivenciado é condição obrigatória de uma *compenetração* eficaz e do conhecimento tanto ético quanto estético. A atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enformamos e damos acabamento ao material de *compenetração* [...] (BAKHTIN, 2003, p.23-25).

Na sequência das reflexões pessoais, que predominam no início do conto, o narrador-protagonista passa, pois, a narrar, ou melhor, a “compenetrar-se” do fato por ele vivenciado em meados de janeiro de 1963. Acontece que, na continuação de sua escrita, ele não vai diretamente ao ponto, ou seja, ele não aborda, logo após suas reflexões, o que aconteceu no restaurante. Como sabemos, ele não esqueceu “aquela viagem de ônibus da cidade de Nova Orleães, na Louisiana, até Fort Worth, no Texas. Viagem que depois prosseguiria até a cidade de Albuquerque, no estado do Novo México, destino final do ônibus e do passageiro”. Sabemos também que, por algum motivo, ele interrompeu a viagem em Fort Worth, tendo passado, portanto, primeiramente, por Nova Orleães, e tendo desistido de seguir a Albuquerque, a princípio seu destino final.

Dessa forma, após suas considerações iniciais, o narrador passa a narrar o sucedido por meio da seguinte trajetória: em primeiro lugar, ele vai relatar, detalhadamente, os acontecimentos deflagrados em Nova Orleans, cidade esta situada no estado da Louisiana, para, em seguida, contar o ocorrido na, também cidade de Louisiana, Bâton Rouge e, por fim, mais especificamente ao final da narrativa, contar o fato ocorrido no restaurante em Fort Worth, quando, então, a viagem acabou sendo interrompida por ele. Como vai ser possível notar, essa trajetória, apesar de abordar as experiências vivenciadas pelo narrador, não deixará de apresentar interrupções necessárias para detalhar os fatos e, por extensão, para estabelecer uma relação entre o que aconteceu em Nova Orleans, em Bâton Rouge e em Fort Worth. Parece que é essa tentativa de estabelecer relações entre os acontecimentos ocorridos nesses três espaços que permitirá a esse narrador saber o porquê de essa lembrança do fato deflagrado em 1963, no já mencionado restaurante, nunca ter saído de sua memória, a despeito de suas tentativas. Assim, ao tentar compenetrar-se “dos sofrimentos do outro”, ou seja, ao colocar-se no lugar de seu “eu” de 1963, o narrador-protagonista busca dar um acabamento para sua incerteza presente.

Primeira e segunda paradas: Nova Orleans e Bâton Rouge, Louisiana

Sigamos, pois, a trajetória traçada pelo narrador-protagonista, analisando os fatos ocorridos em Nova Orleans:

Tinha cansaço, tinha fome. [...] Tinha fome e gastura. Não esqueci o ônibus de pintura metálica da Greyhound [...]. Não esqueci o preto que pedira licença para sentar ao meu lado [...]. O primeiro negro com quem conversei desde que tinha chegado aos Estados Unidos em setembro, nos primeiros dias de setembro de 1962. Disse *conversei*, devia ter dito *tentei conversar*. Meu inglês era fraco, fraquíssimo, mal dava para compor algumas frases convencionais, que eu envergonhado endireitava na cabeça antes de liberá-las pela boca. [...] Não sei se lhe disse que era nascido no Brasil. Não sei se significava alguma coisa dizer a ele que eu era brasileiro. Pelé ainda não existia no país que desconhecia o futebol, o *soccer*. A única estrela esportiva – conhecida apenas dos brancos – era a tenista Maria Ester Bueno, vencedora do torneio de Wimbledon. [...] Para todos os efeitos Carmem Miranda era mexicana ou cubana [...] Não sei se lhe mostrei o meu *green card* [...]. Sei que lhe fazia muitas perguntas, muitas. Sei que entendia menos muito menos da metade das palavras que ele proferia em resposta. Eu decifrava sucessivos telegramas, pior: montava frases e mais frases

alheias, a partir das duas, três palavras que compreendia. O homem negro vestia terno escuro, camisa branca e gravata. [...] Era cordial sem fazer esforço para ser gentil. Sorria num país onde as pessoas não sorriem para desconhecidos, e eu, calouro na matéria, tomava o pseudo-sorriso como Bom dia, como vai? Bem, obrigado, que tal um dedo de prosa para encurtar a viagem? (SANTIAGO, 2002, p. 104-105, grifos do autor).

A primeira parte da viagem ocorreu, na verdade, dentro do “ônibus de pintura metálica da Greyhound” que circulava pelas estradas de Nova Orleans rumo a Albuquerque e, como podemos perceber, o narrador-protagonista vale-se de seu excedente de visão para tentar interpretar, no presente, o que ocorrera dentro do referido veículo: ao contar que tentara, na ocasião, conversar com um moço negro – “o primeiro negro” com quem ele havia conversado desde sua chegada aos EUA em 1962 – o qual se sentara a seu lado, o narrador afirmou “Disse *conversei*, devia ter dito *tentei conversar*”. Isso significa que, no momento da enunciação, ele interpreta o sorriso do rapaz negro como um “Bom dia, como vai?”, isto é, como uma disposição deste para conversar, quando, na verdade, o narrador sabe, agora, que esse sorriso, ou mais precisamente, esse “pseudo-sorriso” significou, por parte de seu interlocutor, um “esforço para ser gentil”, ou melhor, uma indisposição para estreitar relações. E ao se autodenominar “calouro na matéria”, o narrador já deixa entrever que não havia percebido, até então, os conflitos existentes entre as identidades étnico-raciais nem entre as identidades nacionais. No caso em questão, o motivo para o rapaz negro ter esboçado um “pseudo-sorriso” para seu companheiro de viagem pode estar relacionado ao fato de este ser branco ou, talvez, um estrangeiro.

A primeira hipótese elencada para explicar o motivo de o rapaz negro não ter estabelecido relações mais íntimas com o narrador diz respeito ao conflito entre identidades étnico-raciais e pode ser explicada pelo fato de que “[...] as leis existentes nos Estados Unidos até a legislação dos direitos civis [...] institucionalizaram o poder branco e destituíram os negros de poder por meios legais” (CASHMORE, 2000, p. 419). Isso significa que a forte segregação racial dos brancos em relação aos negros, deflagrada, sobretudo, no estado da Louisiana, acabou por motivar fortes desavenças entre ambas as raças. No conto, essa desavença pode, inclusive, ser depreendida quando o narrador afirma que a tenista brasileira Maria Ester Bueno era “conhecida apenas dos brancos”.

Já a segunda hipótese, que estabelece o embate entre identidades nacionais, concerne justamente à cordialidade brasileira que, como vimos, é movida pela tentativa do brasileiro em estabelecer laços mais íntimos com seu outro: o narrador tentava fazer ao rapaz negro “muitas perguntas, muitas”, conseguindo compreender, no entanto, “menos muito menos da metade das palavras que ele proferia em resposta”. Ademais da barreira do idioma, há que se considerar que o narrador não conseguia entender plenamente o que moço negro falava porque este não fazia questão de corresponder ao grau de intimidade que o narrador tentou estabelecer durante a conversa. Em “um país onde as pessoas não sorriem para desconhecidos”, com o fim de encarar “a *solidão* no ônibus cortando horizontalmente as terras alagadas e úmidas da Louisiana e as planícies sem fim do Texas” (SANTIAGO, 2002, p. 102, grifo nosso), o narrador valeu-se de uma afetividade que acabou, porém, não sendo correspondida, tanto que ele comenta ter percebido várias vezes que o rapaz “fingia cochilar [...]. O ronco dos lábios carnudos, dentes bons e brancos, espantava as palavras do vizinho que o aporrinhava como os moradores de Nova Orleães espantavam à noite os borrachudos vampirescos com jorros de spray” (SANTIAGO, 2002, p. 106).

Enfim, como se pôde verificar até então, há como que uma confluência entre os embates identitários étnico-raciais e nacionais, a qual, por sua vez, será adensada com a introdução do conflito sócio-econômico para que, segundo já afirmamos, cheguemos ao cerne discursivo do conto. Assim sendo, continuemos caminhando pelo itinerário do narrador-personagem, agora com parada nos fatos ocorridos em Bâton Rouge:

[...] Ali o ônibus fez a primeira de uma série de paradas. Mais do que para a alimentação, a parada era necessária porque naquela época os ônibus da Greyhound não tinham toalete. [...] Procurei como espião em terreno inimigo o lugar do banheiro. Sorrateiramente. Havia quatro portas de entrada para banheiro. Descobri. Duas a duas. Um dos conjuntos de dois ficava ao lado de uma lanchonete limpa, guarnecida de metais brilhantes, e o outro conjunto, ao lado de qualquer coisa como um boteco pé de chinelo. As duas primeiras portas eram encimadas, respectivamente, pelos dizeres *Gentlemen* e *Ladies*; as duas outras portas encimadas, respectivamente, pelos dizeres *Men* e *Women*. Observei os dois conjuntos e fingi que não entendia. Será que fingi para mim? Ou só para o grupo de companheiros de ônibus? Será que não entendia mesmo a diferença nos dizeres? Optei pelo banheiro dos *Men*, como poderia ter optado pelo banheiro dos *Gentlemen*. Será que me davam a liberdade de escolha que agora me credito? [...] No banheiro onde entrei só havia mulatos e negros. Observei. Conferi pela memória: eram também maioria no ônibus. Não fora por acidente que me

tocava viajar ao lado de um preto. Se não fosse ele, teria sido outro. Eu era o único de pele clara dentro do banheiro, dentro do ônibus. A classe média branca se deslocava pelas asas da PanAmérica, ou no próprio e confortável carro. Os pretos e os *white trash* viajavam de Greyhound [...] Na volta reparei que as duas lanchonetes tinham, respectivamente, fregueses brancos e fregueses negros. De relance, descobri a segregação, que tinha descoberto nos bondes de Nova Orleães, onde os pretos tinham de viajar em pé (SANTIAGO, 2002, p. 107-109).

Nesse trecho, podemos observar que a oposição binária predominante concerne ao embate entre identidades étnico-raciais, sendo que, como já sabemos, os brancos americanos correspondem ao polo positivo dessa oposição, e os negros americanos, ao polo negativo. Isso significa afirmar que os brancos, tais quais as outras polaridades positivas de outras oposições binárias, definem sua identidade marcando sua diferença por:

[...] operações de incluir e de excluir. [...] Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. “Nós” e “eles” não são, neste caso, simples distinções gramaticais. [...] Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. [...] Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados (SILVA, 2009, p. 82).

A existência de dois banheiros masculinos e dois femininos na Rodoviária de Baton Rouge, cada um deles identificados por palavras marcadamente ideológicas, ilustra bem os processos de divisão e de classificação, de exclusão e de inclusão da referida oposição binária: os vocábulos formais *Gentlemen* e *Ladies*, em oposição aos vocábulos populares *Men* e *Women*, servem para delimitar a fronteira que a autoproclamada superioridade branca impôs à por ela demarcada inferioridade negra. Lembremos, com Bakhtin (2004, p. 66), que “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”. Além, pois, de ser demarcada pelos valores sociais dos mencionados vocábulos, a fronteira entre a superioridade branca e a inferioridade negra também é delimitada espacialmente: o banheiro dos brancos ficava “ao lado de uma lanchonete limpa, guarnecida de metais brilhantes”, enquanto

que o banheiro dos negros ficava “ao lado de qualquer coisa como um boteco pé de chinelo”.

Esse sistema de classificação e de exclusão operada pela identidade branca americana foi, como o próprio narrador confirma, por ele percebida. No entanto, ele também confirma ter fingido não entender o funcionamento estabelecido por essa identidade, do que se infere que ele fingiu não perceber a segregação racial ali estabelecida. No entanto, o narrador não registra o porquê de seu fingimento; ele se atém a relatar sobre se essa sua atitude foi tomada para enganar a si próprio ou aos outros. Mas, se o narrador entendeu o funcionamento desse sistema, fingindo, no entanto, não tê-lo compreendido, por que, afinal, ele acabou optando por entrar no banheiro destinado aos negros? Fingir, ignorar esse sistema poderia facultá-lo a escolher o banheiro dos brancos, afinal ele era o “único de pele clara dentro do banheiro, dentro do ônibus”. Não foi, contudo, o que aconteceu e o narrador acabou decidindo entrar no banheiro dos *Men*, onde, aliás, a despeito da diferença de cor, ele não se sentiu rechaçado – “Não me senti vigiado no banheiro” (SANTIAGO, 2002, p. 109)

Essas questões por nós formuladas parecem ser os questionamentos que o narrador faz a si próprio, isto é, ele mesmo parece não entender o porquê dessa sua decisão, a qual, no entanto, poderá ser inferida justamente ao final da narrativa, quando, então, ele vai relatar o fato ocorrido no restaurante texano. Por ora, o que se percebe é que o questionamento “Será que me davam a liberdade de escolha que agora me credito?” já nos possibilita entrever que o narrador parece ter deixado de usar o banheiro dos *Gentlemen* por ter percebido que a separação entre brancos e negros fora instituída porque aqueles consideravam estes inferiores. Embora não afirme, o narrador parece começar, ainda que muito lentamente, a notar que sua escolha foi pautada por essa inferioridade, pois, na ocasião, ele não teve a tal “liberdade de escolha” que “agora” ele tem, ou seja, no momento da irrupção dos acontecimentos, uma única alternativa lhe foi imputada: o uso do banheiro dos *Men*.

Outro instante em que o narrador parece começar a perceber que a inferioridade é um traço dos excluídos (portanto, daqueles que ocupam o segundo lugar da oposição binária) e que esse traço também lhe estava sendo imposto diz respeito ao instante em que, logo após atinar ser ele o único branco a estar no banheiro dos negros, outra constatação vem à tona: a de que a “classe média

branca se deslocava pelas asas da PanAmérica, ou no próprio e confortável carro”, enquanto os “pretos e os *white trash* viajavam de Greyhound”. Antes de continuarmos nossa explanação, convém esclarecermos o significado de *white trash*, segundo a definição de dois dicionários: 1. “*AmE informal* an insulting expression used to talk about white people who are poor and uneducated”¹ (Longman, 2009); 2. “*North American derogatory* poor white people, especially those living in the southern US”² (Oxford). Como podemos notar, *white trash* é uma expressão tipicamente norte-americana usada para designar, de modo depreciativo, pessoas brancas de baixa condição econômica e tidas como de baixo nível cultural; além disso essa expressão é usada, sobretudo, no sudoeste do EUA, onde está localizado o estado da Louisiana. Estabelecendo um paralelo entre essas definições e a referida constatação por parte do narrador, podemos afirmar que ele começa a perceber que sua cor não o salva de ser classificado como inferior, afinal, apesar de ele ter se “deslocado de avião na viagem de ida” e “decidido tomar o ônibus na viagem de volta” (SANTIAGO, 2002, p. 109), ele é um estrangeiro inferior, um *south of the border*³ (SANTIAGO, 2002, p. 105), portanto, um *white trash* que não viajava nem de “carro próprio” nem de “ônibus PanAmérica” tal qual fazia a “classe média” sulina americana; a ele restava viajar em um “ônibus de pintura metálica da Greyhound”.

Assim sendo, apesar da segregação ser explicitamente racial, já pairava no ar um outro tipo de segregação a qual o narrador também estava sujeito: uma segregação de ordem sócio-econômica. Essa percepção inicial, aliás, vai se adensando, na medida em que ele interrompe, por um momento, seu relato, com o fim de fazer mais conjeturas sobre o que havia presenciado em Bâton Rouge. Uma dessas conjeturas é a seguinte:

¹ “*EUA informal* expressão depreciativa usada para se referir a pessoas brancas de baixo poder aquisitivo e de pouco nível cultural” (Tradução nossa).

² “*EUA depreciativo* indivíduo branco sem recursos, especialmente aquele que vive no sudoeste dos EUA”. (Tradução nossa). Disponível em: <<http://oxforddictionaries.com/definition/white%2Btrash?q=white+trash>>. Acesso em: 02 abr. 2012, às 18:15.

³ Segundo o dicionário Cambridge, a definição de *south of the border* é “Mexico and the other countries south of the US border with Mexico” [“México e outros países ao sul da fronteira dos estados unidos com o México”, tradução nossa]. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/dictionary/american-english/south-of-the-border?q=south+of+the+border>>. Acesso em: 03/04/2012, às 17:25.

Ficar de fora significa a exclusão total do sistema. A verdadeira marginalidade. Há um sistema dual onde cada um tem de se encaixar por sua própria conta, responsabilidade e risco. [...] Cabia a mim me encaixar. [...] Por que fui entrar no banheiro dos *Men*? Será que estava definindo e selando o meu destino de estrangeiro nos Estados Unidos? Estaria para sempre me encaixando numa minoria, em várias e diferentes minorias? (SANTIAGO, 2002, p. 110).

Como podemos perceber, o narrador tenta compenetrar-se do seu outro e parece notar, agora com mais convicção, que ele, também como mais um excluído, precisava “se encaixar” em algum sistema. Afirmamos “algum sistema”, porque ali onde ele estava não existia apenas o sistema dual de segregação racial, existia, também, outros sistemas que segregavam outras “várias e diferentes minorias”. Note-se que, embora ainda hesite em definir, com precisão, em qual dessas várias minorias deveria se encaixar, o narrador parece começar a perceber, ainda de forma incipiente, que seu destino nos EUA estava selado: ele era branco, sim, mas um branco estrangeiro. Na verdade, um estrangeiro inferior devido ao traço peculiar da cordialidade e da não-abastança. Mas, como afirmamos, essa percepção por parte do narrador é incipiente, tanto que ele segue com suas conjeturas acerca de dois filmes norte-americanos que tratam do conflito étnico-racial nos EUA: *Pink* conta a história de uma garota negra que se passa por branca e *The Broken Arrow* conta a história de um índio que beijava a boca de uma branca (SANTIAGO, 2002, p. 111). Somente depois dessas longas reflexões acerca de confrontos étnico-raciais e da incipiente percepção sobre o conflito sócio-econômico é que o narrador volta a relatar os fatos, fazendo, antes, a seguinte afirmação: “Estou me perdendo na viagem da narrativa e me esquecendo do *ponto nevrálgico* da minha viagem de ônibus, *razão desta narrativa*” (SANTIAGO, 2002, p. 111, grifos nossos).

Terceira e última parada: Fort Worth, Texas

Como já sabemos, o “ponto nevrálgico”, a “razão” central da narrativa concerne, especificamente, ao fato ocorrido no restaurante de Fort Worth que o narrador tentou, por muitos anos, mas em vão, esquecer. E é justamente nesse instante de seu relato que iremos perceber, definitivamente, que todos os embates identitários inferidos do conto se relacionam por meio de um ponto comum: o fato de a *inferioridade* ser o traço mediante o qual a etnia branca e abastada dos EUA se

diferencia de sua “outridade” negra, latino-americana, cordial e sem recursos financeiros. Ademais, é por meio desse “ponto nevrálgico” que iremos perceber como esse narrador-personagem acabará por, também de modo definitivo, se relacionar com essa questão identitária:

O ônibus parou em algumas outras estações rodoviárias antes de chegar a Fort Worth. De três em três horas. Desciam passageiros, subiam outros. A população do ônibus ganhava novo colorido. Desciam os negros na maioria longilíneos, vestidos de terno e gravata, barbeados; subiam os mexicanos, gordotes, que eram chamados de chicanos. Caras redondas de índio, cabelos negros e lisos, barba por fazer, todos vestidos de calça e jaqueta jeans [...]. Estava em território texano frente a frente com os boias-frias. [...] Em todas as estações rodoviárias o mesmo sistema dual para a alimentação e a higiene. Nos banheiros haviam acrescentado duas outras palavras. Embaixo de *Men* e *Women*, sob a forma de legenda, estava as respectivas traduções em espanhol: *Hombres* e *Mujeres*. Os passageiros não podiam ter dúvida. Tínhamos deixado o aristocrático espírito gaulês da Lousiana e entrado no amexicanado comportamento caubói do Texas. [...] Os arredores da cidade indicavam prosperidade. A alta qualidade da pavimentação da autopista era evidente, mesmo a olhos leigos como os meus. [...] Os antigos caubóis e os novos senhores do petróleo nadavam em dinheiro. Desci para usar o banheiro. A estação rodoviária era moderna e ampla. Os corredores, sinalizados com bom gosto e eficácia. Bem diferente das anteriores. Já adivinham minha decisão. Estava cansado, queria um bom prato de comida. [...] Decidi. Almoçaria num bom restaurante da cidade. [...] Não lembro o nome do restaurante nem o endereço. Seria demais que os lembrasse hoje depois de tê-los cicatrizado por tantos anos. O restaurante era chique e imaginava que poderia saborear tranquilamente um *T-bone steak* ou as famosas *ribs* do Texas. [...] Escolhi uma mesa e sentei-me. Esperei o garçom. Esperei. Esperei. Os garçons não passavam pela minha mesa. Não recebi o cardápio [...]. Fiz sinal inutilmente. Atendiam a todas as outras mesas. Esperei dez, quinze minutos. Em vão. Esperei meia hora. Disso me lembro bem. A dor não se reconheceu ferida, por isso deve ter sido tão rápida a cicatrização. Levantei e saí do restaurante. Quantos olhos me seguiram até a porta? Não sei. Estava de costas (SANTIAGO, 2002, p. 111-113).

No desfecho do relato, nota-se que os embates predominantes são os que ocorrem entre as identidades nacionais e as identidades de ordem sócio-econômica, pois, em primeiro lugar, em Fort Worth, o sistema dual, segregador de banheiros, permanece, porém com um acréscimo: as respectivas traduções de *Men* e *Women* para o espanhol, *Hombres* e *Mujeres*. Dessa vez, não só os negros, mas, também, os mexicanos são inferiores. Em segundo lugar, como o próprio narrador descreve, a despeito de seus “olhos leigos”, a cidade texana era tão abastada, em contraste com as cidades da Lousiana, que os “antigos caubóis e os novos senhores do petróleo nadavam em dinheiro”. Aliás, foi por causa dessa “prosperidade” texana que o narrador tinha tomado, no momento em que os fatos relatados aconteceram,

uma atitude que acabou por instaurar um acontecimento que ele jamais esqueceu e para o qual, a princípio, ele tentou buscar uma razão de sua permanente e insistente lembrança. E sua atitude concerne a uma decisão tomada por ele no instante em que se encontrava nos “corredores” da “moderna” e “ampla” rodoviária de Fort Worth, corredores estes “sinalizados com bom gosto e eficácia”: “Decidi. Almoçaria num bom restaurante da cidade”. Ao tomar uma atitude distinta da escolha que fizera em Bâton Rouge – quando ele havia optado por “encaixar-se” no grupo dos *Men*, não por ser negro, mas por sentir que não podia “se encaixar” no grupo dos *Gentlemen* –, ou seja, ao optar por almoçar em um restaurante “chique”, ele tentou escapar ao desprezo, à inferioridade a que estavam relegadas minorias, como os negros e, agora, os mexicanos. No entanto, essa sua decisão foi em vão porque ele acabou não sendo atendido por ninguém, mesmo tendo feito um “sinal”; mesmo tendo esperado “dez, quinze minutos [...] meia hora”, os “garçons não passavam” em sua mesa. Sentindo que não estava “encaixado” no lugar correto, restou-lhe, pois, levantar-se e sair do restaurante.

Considerações finais

De tudo o que viemos tecendo até esse momento, podemos afirmar que é a *nossa análise* que aponta ser a inferioridade a resposta concreta para as lembranças incômodas do narrador persistirem até o presente, apesar de ele ter tentado esquecê-las. É a *nossa análise* que confirma ser a elaboração do rascunho por parte desse narrador uma forma de ele tentar concretizar um sentimento que nunca deixou de acompanhá-lo: o sentimento amargo da inferioridade, do desprezo e da solidão perante seu outro, sentimento este que acabou se materializando por meio de seu relato reflexivo. Sendo elemento que marca a diferença da identidade norte-americana em relação à sua alteridade, a inferioridade faculta àquela o poder de desprezar esta. E o narrador, apesar de não ser um estrangeiro da fronteira, também fora enquadrado na categoria de estrangeiro inferior. E essa condição acabou por acentuar, ainda mais, a solidão a que ele fora relegado, inicialmente, pelo roncar do rapaz negro: “No ‘homem cordial’, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. [...] Ela é

antes um viver nos outros” (HOLANDA, 2011, p. 147). Desprezo que gera a solidão, que gera o “pavor [...] em viver consigo mesmo”: se, por um lado, a nossa análise explicita tal sentimento, por outro o rascunho do narrador ainda tenta encobri-lo por meio do esquecimento, por meio do fingimento.

Essa nossa afirmação de que o narrador parece não desejar expressar claramente esse sentimento de inferioridade, de desprezo, de solidão está calcada em uma de suas últimas afirmações: “A dor não se reconheceu ferida, por isso deve ter sido tão rápida a cicatrização”. Em primeiro lugar, segundo nossos apontamentos ao longo deste trabalho e de acordo com os próprios apontamentos do narrador em seu rascunho – “O esquecimento funciona como anti-séptico da dor” –, podemos afirmar que a cicatrização foi rápida não porque a dor não se transformou em ferida, mas porque o esquecimento, ou mais precisamente, o fingir não sentir-se solitário, desprezado, fez parecer que a ferida não se abrisse.

Em segundo lugar, ao afirmar que a cicatrização “deve ter sido” rápida pelo fato de a dor não ter se reconhecido ferida, o narrador parece estar insinuando não ter chegado a nenhuma conclusão precisa sobre o motivo de suas lembranças permanecerem vivas, mesmo depois de tantos anos. E, como parece não ter chegado a nenhuma conclusão, resta-lhe, então, continuar fazendo conjeturas sobre as possibilidades de a cicatrização ter sido instantânea, sendo uma delas o fato de a dor não ter se transformado em aguda ferida, já que o esquecimento, depois do “calafrio”, do “ai!”, cicatriza prontamente as feridas. Portanto, ao fingir que a rejeição de sua alteridade não foi incisiva, o narrador afirmou que não sabia quantos olhos o “seguiram” até a porta no momento de sua saída do restaurante porque “Estava de costas”. Note-se que, diferentemente do que ocorreu no banheiro dos *Men* em *Bâton Rouge* – onde, como pudemos verificar, ele não se sentiu “vigiado” porque a inferioridade, e não a cor, o aproximava dos demais usuários –, no restaurante, a rejeição advinda da superioridade do outro nos permite afirmar que o narrador saiu de costas ou porque olhar para trás não lhe era permitido ou porque ele não se sentiu encorajado a fazer isso.

Houve, porém, um momento em que, como já sabemos, ele olhou para trás: quando o narrador cindiu seu “eu” em dois, o do momento do enunciado e o do momento da enunciação, sendo que este é quem olhou para trás, quem lançou seu olhar exotópico para o “eu” do passado com o fim de buscar a razão de as

lembranças de antanho continuarem vivas em sua memória. Relembrando, segundo o excedente de visão ou exotopia, que “Cada um de nós, daqui onde estamos, temos sempre apenas um horizonte [...] e só o outro pode nos dar um ambiente, completar o que desgraçadamente falta ao nosso próprio olhar” (TEZZA, 2005, p. 210-211), o “eu” da enunciação tentou compenetrar-se dos sentimentos do “eu” do enunciado para, depois de voltar a seu lugar e já com seu excedente de visão, dar um acabamento para os fatos, isto é, conseguir chegar a uma certeza do porquê não conseguia esquecer o que lhe sucedera no restaurante de Fort Worth. No entanto, como acabamos de verificar, esse seu olhar exotópico sobre o passado acabou se lhe configurando uma armadilha, pois, durante a elaboração do rascunho, as razões para ele não ter sido atendido no restaurante texano foram se tornando claras e, ao se tornarem mais cristalinas, a agudização da dor poderia ainda ser mais gritante que no passado. A sua constatação de que havia sido “calouro na matéria”, de que decidira encarar, em vez de uma viagem de avião, uma viagem de ônibus “longa, longuíssima, para conhecer de perto a paisagem e os seres humanos que conhecia de longe nas telas do cinema” (SANTIAGO, 2002, p. 109) o fez ficar de frente para a real identidade de seu outro. Assim sendo, ao ter optado por fingir que a dor não fora dilacerante, o narrador escreveu um “borrão” que, na verdade, não se trata apenas de um rascunho. Conforme pudemos constatar no início deste nosso estudo, segundo outra acepção que ele buscara no dicionário, “borrão” também é “indivíduo medroso”: no caso em questão, o narrador acabou tendo medo de assumir a sensação aguda de não só se sentir inferior, mas, também, de se sentir sozinho. Dessa maneira, ele preferiu “borrar” os fatos, isto é, preferiu manchá-los, diluí-los a ponto de não se conseguir enxergá-los, visualizá-los exatamente como eles são.

Diante de todas as ponderações feitas até o momento, mais do que um rascunho que, de início, o narrador passou a produzir com o intuito de precisar a profundidade da dor que sentira ao não ter sido atendido no restaurante, seu relato acabou se convertendo em fingimento, na medida em que, ao se deparar com a solidão dilacerante provocada pelo desprezo do outro, ele “fez de conta” tê-la suportado sem maiores agruras. Em contrapartida, é a nossa análise que parece ter se convertido em uma espécie de conto, pois, como “dublês do autor”, ao perscrutarmos o rascunho do narrador, acabamos por delinear seu trajeto identitário de “homem cordial” que continua se valendo do esquecimento, ou melhor, do

fingimento, para “borrar”, isto é, para disfarçar a tentativa frustrante de ele estabelecer relações mais íntimas com uma alteridade que dele se diferencia e se distancia pelo jogo de poder estabelecido entre superioridade/inferioridade. Assim, se o narrador compenetrrou-se de seu “eu” de 1963, mas, ao final, voltou a ocupar o “centro fixo” de seu ângulo de visão, prescindindo, propositalmente, de seu olhar exotópico e, por extensão, do acabamento de suas reflexões, nós nos compenetrámos dos sentimentos desse narrador e, ao voltarmos para nosso lugar, já então imbuídos de um excedente de visão, tentamos dar um acabamento para as ações impetradas por ele e por sua alteridade. Eis, pois, um possível modo como a identidade dessa personagem e, conseqüentemente, a de sua alteridade se constituiu ao longo do conto “Borrão”.

Reading and exotopy conception in the constitution of the identity path in “Borrão” by Silviano Santiago

Abstract: By means of the Bakhtin's exotopy conception, the aim of this paper is to sew the linguistic-discursive tissue that constitutes the narrative of “Borrão” in order to deduce the chock between diverging ideological positions: more specifically, the clash between ethnic-racial identities, national identities and socioeconomic identities. Nevertheless, considering that the texts present a dominance relation of one discursive formation over the others that constitute them, we can affirm that, in this tale, the dominant discursive formation is the one of the white wealthy and American identity. Therefore, since this identity is defined through the conflict with the other aforementioned identities, we can deduce that the core of the tale is a certain inferiority feeling of the foreigner– i.e. the white, cordial and non-wealthy foreigner – before the Yankee alterity.

Keywords: Exotopy. Discursive Formation. Identity. Reader. Reading

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 11. ed. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2004.

CAMBRIDGE DICTIONARIES ONLINE. Disponível em: <<http://dictionary.cambridge.org/>>. Acesso em: 03 abr. 2012.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. Trad. Dina Kleve. São Paulo: Selo Negro, 2000.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de vista na ficção. Trad. Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, mar./abr./mai. 2002.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras.

KIEFER, Charles et al. **Pátria estranha**: histórias de peregrinação e sonhos. São Paulo, Nova Alexandria, 2002. p. 102-113. (Prosa Presente).

LONGMAN: DICTIONARY OF CONTEMPORARY ENGLISH. 5. ed. London: Longman, 2009.

MUSSALIN, Fernanda. Análise do discurso. MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Ana Christina (org.). **Introdução à linguística 2**: domínios e fronteiras. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e leitura**. 3. ed. São Paulo: Cortez/Campinas: Unicamp, 1996. (Coleção Passando a Limpo).

OXFORD DICTIONARIES. Disponível em: <<http://oxforddictionaries.com>>. Acesso em: 02 abr. 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. A produção social da identidade e da diferença. SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-102.

TEZZA, Cristóvão. A construção das vozes no romance. BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin**: dialogismo e construção do sentido. 2. ed. rev. Campinas: Unicamp, 2005. p. 209-217.